

Brics na Covid-19 multilateralismo, capacidade tecnológica e colaboração em PD&I

Cláudia Hoirisch

Em dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre diversos casos de uma pneumonia que se instalou na cidade de Wuhan, na China. Em um mês, haviam sido confirmados 2.798 casos da Covid-19 no mundo. Desses, 98,7% foram notificados pela China, um dos países integrantes do Brics, além de Brasil, Rússia, Índia e África do Sul. Em 11 de março de 2020, a OMS classificou a Covid-19 como uma pandemia.

Em 21 de julho, a China parecia ter controlado a epidemia, ao passo que os outros quatro países do Brics – Brasil, Índia, Rússia e África do Sul – figuravam entre os **cinco países com o maior número de casos** (Worldmeters, 2020), atrás apenas dos Estados Unidos da América (EUA).

Desde que a pandemia se instalou, o Brics, grupo inicialmente formado em 2009 e acrescido da África do Sul em 2011, já vinha realizando reuniões virtuais para tratar da questão do novo coronavírus, já que seus sistemas de saúde têm enfrentado desafios sociais, políticos e econômicos para lidar com a infecção.

No quadro atual de crise do arranjo multilateral e de crescente polaridade entre EUA e China, alguns países têm alimentado ceticismo quanto à relevância do Brics. A pandemia do novo coronavírus escancarou problemas antigos e trouxe à tona aspectos relevantes para a construção de um novo futuro nas vertentes política, diplomática e sanitária.

Neste capítulo é apresentada uma rápida contextualização do Brics e, em seguida, uma visão geral da resposta de cada país do grupo em relação ao novo coronavírus, na qual é destacada a vertente diplomática, ou seja, os compromissos que o grupo adotou durante a pandemia numa ação coletiva e de ajuda mútua; o contexto político no qual

os países estavam inseridos; a crise China-EUA e a importância do multilateralismo para o grupo. O capítulo se encerra com uma apreciação da cooperação entre os Brics e os ruídos internos, assim como da cooperação extra-Brics.

ANTECEDENTES

Na ordem mundial, os países do Brics apresentam-se como um novo modelo de bloco de países. São uma alternativa ao que existe, dominado pelo Ocidente. O grupo baseia-se nos princípios da cooperação, do respeito mútuo e do equilíbrio de interesses.

O Brics não representa uma região geográfica típica, geralmente constituída por um conjunto de Estados próximos uns aos outros. É uma comunidade de interesses econômicos e políticos comuns na governança global. Durante sua existência, o Brics conseguiu formar uma agenda transnacional. Entre as áreas mais importantes da cooperação, estão, entre outros, a coordenação das atividades desses países em organizações internacionais, incluindo a Organização das Nações Unidas (ONU) e suas agências especializadas (p. ex., a OMS) e a melhoria do sistema financeiro global; projetos conjuntos de pesquisa; cooperação nos campos da saúde, das mudanças climáticas e da proteção ambiental. Nos últimos anos, o Brics criou sua própria instituição financeira, na forma do **Novo Banco de Desenvolvimento** (NBD) (New Development Bank, 2020) com um capital de US\$ 100 bilhões e um Arranjo Contingencial de Reserva de mais US\$ 100 bilhões.

Com raras exceções, a maioria dos laços cooperativos dentro do Brics são bilaterais, não multilaterais. O grupo busca a resolução de vários problemas comuns e a consolidação de interesses materiais mais pragmáticos, como a colaboração em pesquisa e o contrabalanço do expansionismo ocidental no jogo da geopolítica.

Os países do Brics estão ativamente usando o fórum para avançar agendas que possivelmente encontrariam mais resistências nos arranjos multilaterais clássicos. Um exemplo: em 2013, a China lançou a **Iniciativa Nova Rota da Seda** (ou Cinturão e Rota) (BRI, 2020). Inicialmente, tal iniciativa visava ao desenvolvimento de um corredor de transporte terrestre através do território da Eurásia; no final, o projeto adquiriu uma dimensão verdadeiramente global, incorporando as regiões Ásia-Pacífico, África e fazendo acordos com alguns países da América Latina.

RESPOSTAS POLÍTICAS, SANITÁRIAS E ECONÔMICAS DOS PAÍSES DO BRICS

Na Rússia, desde que a Covid-19 se instalou, os pesquisadores ficaram intrigados com o baixo número de casos confirmados em um país com um sistema de saúde

subfinanciado. As explicações variavam de fatores geográficos (o tamanho do país e o isolamento da maioria de suas áreas urbanas dificultariam o percurso do vírus); número limitado de testes de alta qualidade; diagnóstico incorreto (pneumonia); forma de relatar os casos forçando a subnotificação (existe uma convenção que exclui aqueles que têm o vírus, mas não morreram diretamente dele), até suspeitas de manipulação das estatísticas de morbidade (Roth, 2020; Foy & Burn-Murdoch, 2020). A crise chegou ao país no momento em que o Kremlin procurava concentrar suas energias políticas na pressão por emendas constitucionais que permitissem que Putin permanecesse no poder até 2036.

A pandemia expôs muitas das falhas do sistema de saúde russo. O presidente e o primeiro-ministro Mikhail Mishustin transferiram o problema para os líderes regionais. País com reputação de administração descendente, os aspectos positivos da resposta da Rússia vieram em grande parte de iniciativas locais. Redes de pequenos centros antiepidêmicos construídos na antiga União Soviética após um surto de peste bubônica na década de 1920, que haviam adquirido experiência também com surtos anteriores de tuberculose – outra doença infecciosa que ataca o sistema respiratório –, se **mobilizaram contra o coronavírus** (Galeotti, 2020).

O presidente Putin não quis enfrentar a crise para não levantar questões sobre seu desempenho de liderança e sua competência geral para a tomada de decisões. **A resposta da Rússia** a essa crise de saúde revelou a natureza do regime político, seu contrato social com a população e a tomada de decisões estratégicas (Herd, 2020).

Entre as ações para combater a doença, houve o incentivo ao uso de transfusões de plasma sanguíneo de pacientes recuperados para ajudar na recuperação da infecção viral.

Várias agências estatais, como Rospotrebnadzor, o Serviço Federal de Supervisão da Proteção dos Direitos do Consumidor e Bem-Estar Humano, além de empresas farmacêuticas privadas, estão trabalhando no desenvolvimento de uma vacina contra o coronavírus. **A Universidade de Sechenov está desenvolvendo uma vacina** (Coronavirus..., 2020) que se enquadra na categoria de uso antecipado (testes clínicos sendo feitos pelo Instituto Gamalei). Outra vacina, a EpiVacCorona, está na fase 2 de desenvolvimento. Além disso, medicamentos estão em uso (mefloquina), outros estão **sendo modificados para combater o vírus** (Russia..., 2020), como é o caso do antiviral avifavir (favipiravir/avigan) ou foram desenvolvidos (levilimab).

Na Índia, é provável que a extensão real do surto seja muito maior que a reportada, devido ao baixo número de testes e ao acesso limitado aos cuidados de saúde em algumas áreas. O país gasta apenas 3,53% do Produto Interno Bruto (PIB) em saúde, quando a média mundial é 9,9%. A Índia tem a vantagem de ser o maior produtor

mundial de medicamentos genéricos; no entanto, importa da China 70-85% dos insumos farmacêuticos ativos (IFAs) para a produção de medicamentos. Enquanto não é descoberta a vacina, o Ministério Ayush (Ayurveda, Yoga & Naturopatia, Unani, Siddha e Homeopatia) está buscando validação científica para medicamentos tradicionais indianos (*ayurveda*) que podem agir no fortalecimento da imunidade. Após identificar **problemas de confiabilidade com os kits de diagnóstico fabricados pela China** (Sharma, 2020), a Índia está produzindo seus próprios testes.

O país abriga o maior fabricante privado de imunizantes em unidades produzidas. Empresas indianas de vacinas, algumas vezes em parceria com universidades (Oxford e Wisconsin Madison) e biofarmacêuticas estrangeiras (FluGen e Codagenix), estão realizando a etapa de desenvolvimento e avaliação clínica das vacinas candidatas para Covid-19. Em setembro, duas empresas indianas, **Bharat Biotech e Zydus Cadila** (Kumar, 2020), estavam desenvolvendo vacinas contra a Covid-19 em fase 2, respectivamente Covaxin e ZyCov-D. Para a Covaxin, a Bharat Biotech se juntou ao Instituto Nacional de Virologia, que faz parte do Conselho Indiano de Pesquisa Médica (ICMR).

Índia e China têm grandes populações, e o desenvolvimento de uma vacina pode ser a única chance para o fim do confinamento.

Quando a Covid-19 surgiu em dezembro de 2019 na China, os cientistas chineses conseguiram identificar rapidamente o vírus e em 11 de janeiro de 2020 compartilharam internacionalmente dados de sequenciamento genômico. Até o fim de janeiro, médicos chineses haviam identificado as características clínicas de pacientes com a doença, a transmissão pessoa a pessoa, características genômicas e epidemiologia, alertando o mundo sobre a ameaça da Covid-19.

A Comissão Nacional de Saúde da China enviou, em parceria com a OMS, grupos de infectologistas a Wuhan no início do surto para investigar os riscos e a transmissão da Covid-19; suas recomendações levaram à decisão de isolar Wuhan em 23 de janeiro e incluíram a necessidade de construir abrigos.

A China decidiu apurar a **veracidade das alegações dos EUA** (Verificação..., 2020) contra o seu país em relação às origens da Covid-19. O embaixador chinês nos EUA pediu aos políticos americanos que acabassem com o jogo de responsabilizar a China, para não correrem o risco de desacoplar a China dos EUA, prejudicando os esforços chineses no combate à doença e na coordenação chinesa para reascender a economia global. O conflito diplomático não prejudicou a colaboração científica. Especialistas em saúde da China e dos EUA concordaram em agir conjuntamente na troca de informações científicas contra a Covid-19, por julgarem que os cuidados com a saúde podem ser

locais, mas a pesquisa é global e o mundo deve confiar em métodos científicos para lidar com a pandemia. Para fortalecer ainda mais seu *soft power*, a China enviou enorme quantidade de suprimentos médicos e assistência médica a mais de cinquenta países africanos e à União Africana.

Em setembro, a China estava realizando **testes clínicos** (Corum, Wee & Zimmer, 2020) fase 3 em quatro vacinas com uso limitado que estavam sendo desenvolvidas pela Sinovac; pela CanSino Biological Inc e Beijing Institute of Biotechnology; e pela Sinopharm e Wuhan Institute. A Sinovac estabeleceu um acordo de transferência de tecnologia com o Instituto Butantan (SP). Naquele mesmo mês, a China estava desenvolvendo duas vacinas na fase 2 e quatro na fase 1.

Na África do Sul, o presidente Cyril Ramaphosa foi amplamente elogiado por ter tomado medidas decisivas ao introduzir, no fim de março, um dos bloqueios mais rápidos e rigorosos do mundo. Três semanas após o primeiro caso ser identificado no país, todos os residentes receberam ordens de ficar em casa por cinco semanas e, durante algum tempo, pareceu que o país escaparia do pior da pandemia. Porém, quatro meses depois, a África do Sul tinha o quinto maior número de casos de Covid-19 do mundo, depois dos EUA, Brasil, Índia e Rússia. É responsável por mais da metade de todos os casos africanos, e o custo econômico do bloqueio parece ter sido em vão, pois o país está enquadrado no pior cenário esboçado pelos epidemiologistas.

O governo sul-africano parece não ter antecipado uma catástrofe econômica tão dramática e foi forçado a relaxar os regulamentos de isolamento em 1º de maio e permitir que a maioria dos setores da economia fosse aberta a partir de 1º de junho, quando o número de casos estava em alta.

À medida que o governo buscava equilibrar saúde e economia, sua resposta à pandemia degenerava em uma série de regulamentos contraditórios que parecem ter sido mais influenciados por grupos de pressão mais poderosos do que pela ciência ou pela economia. Igrejas, cassinos e restaurantes têm permissão para operar por algum tempo com certas restrições, mas parques públicos e praias permanecem fechados. Em julho, táxis micro-ônibus, o principal meio de transporte para a maioria dos sul-africanos, também foram autorizados a operar com 100% da capacidade; ao mesmo tempo, as viagens domésticas de lazer são proibidas, mesmo para as pessoas que queiram dirigir seus próprios carros.

A África do Sul está testando a vacina BCG para o combate aos sintomas do coronavírus. E o país, assim como o Brasil, aderiu ao Ensaio Clínico Solidariedade da OMS.

No Brasil, o poder central desrespeita abertamente e desencoraja medidas de distanciamento social e de isolamento introduzidas por governadores estaduais e prefeitos, cuja autonomia para legislar medidas contra a pandemia foi autorizada pelo Supremo Tribunal Federal. Populações mais vulneráveis, em especial do Norte e Nordeste, dependem exclusivamente do Sistema Único de Saúde (SUS). A probabilidade de a doença se espalhar e causar condições mais graves e mais mortes é significativamente maior entre os mais pobres e não brancos.

Tem havido cortes no orçamento da Saúde e da pesquisa desde dezembro de 2016. A formação de grupos de pesquisa competentes custou décadas de esforço nacional, e são eles que permitem enfrentar epidemias e aumentar a expectativa de vida da população. Se as restrições orçamentárias não forem corrigidas a tempo, serão necessárias muitas outras décadas para reconstruir a capacidade científica e de inovação do país.

Na crise do coronavírus, o Brasil se viu dependente de importação de diversos produtos. O SUS, universal, não pode conviver com fragilidade tecnológica, pois depende de insumos, *kits* de diagnósticos, fármacos, medicamentos e equipamentos de saúde. É preciso inseri-los no centro da política nacional de desenvolvimento.

O país tem feito diversos esforços para conter a pandemia. Pelo trabalho realizado na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), o país foi reconhecido pela OMS como referência laboratorial em coronavírus nas Américas para realização de testes confirmatórios da doença, além de integrar a rede de especialistas em laboratório da entidade para a Covid-19.

Para fomentar a investigação, foram abertas chamadas públicas de R\$ 100 milhões nas áreas de diagnóstico, desenvolvimento de vacinas e testes clínicos; sequenciamento em larga escala do código genético de vírus; ensaios clínicos de medicamentos para combater a Covid-19; uso de biologia computacional para seleção de moléculas para inibir a replicação viral; ensaio clínico usando uma seleção de moléculas feitas por inteligência artificial.

Em setembro, estavam em andamento no Brasil centenas de **pesquisas científicas** (370 pesquisas..., 2020) voltadas para o tratamento e combate da Covid-19. Os temas abordados nas pesquisas abrangem plasma convalescente como alternativa terapêutica, **soros produzidos por cavalos** (IVB, 2020), estudos sobre o desenvolvimento de testes sorológicos e evolução da prevalência da infecção no país, entre outros.

O Brasil tem atuado em **algumas iniciativas** (Braga, 2020) na busca por um imunizante, como as que vêm sendo desenvolvidas pelo InCor/FMUSP; pelos institutos René Rachou/Fiocruz MG e Butantan; por Bio-Manguinhos/Fiocruz; por Bio-Manguinhos e Emergex; pelo Instituto de Ciências Biomédicas da USP (vacina sob a forma de *spray* nasal) e pela PDS Biotech e Farmacore.

Medicamentos existentes estão sendo redirecionados para tratar a Covid-19. O Brasil participa do Estudo Clínico Solidariedade, em parceria com a OMS, que vem sendo implementado em hospitais de diferentes estados, inclusive no Instituto Nacional de Infectologia (INI/Fiocruz). Na esperança de encontrar uma vacina, o país estabeleceu acordos de cooperação técnica para produção de vacinas (encomenda tecnológica) com o Reino Unido (Universidade de Oxford e AstraZeneca) com desenvolvimento por Bio-Manguinhos e, por intermédio do governo de São Paulo, com a China (Sinovac Biotech), para a produção da CoronaVac, que contará com o codesenvolvimento do Instituto Butantan, proprietário do estudo clínico.

DIPLOMACIA, CONTEXTO POLÍTICO E MULTILATERALISMO EM MEIO À PANDEMIA: RESPOSTAS DIPLOMÁTICAS DO BRICS

Antes mesmo de a OMS classificar a Covid-19 como uma pandemia, os países Brics decidiram realizar um encontro na tentativa de afastar a ameaça comum. Em uma reunião dos Sherpas e Sous-Sherpas do Brics em 11 de fevereiro de 2020, foi emitida uma **“Declaração da presidência russa do Brics sobre o novo surto epidêmico por coronavírus”** (Russian Federation, 2020), na qual o grupo expressou simpatia, apoio e solidariedade à China; se disponibilizou a cooperar com aquele país e sublinhou “a importância de evitar a discriminação, estigma e reação exagerada ao responder ao surto”. A declaração clamava pelo fortalecimento da colaboração científica em doenças infecciosas. Por fim, pedia esforços conjuntos para detectar, prevenir e controlar infecções por pandemia usando tecnologias modernas desenvolvidas nos países do Brics.

À medida que a pandemia se espalhava pelos países, mais **reuniões foram se sucedendo** (Ranepa, 2020). Os chanceleres do Brics se reuniram por videoconferência em 28 de abril, quando defenderam a importância da cooperação multilateral e seu compromisso com o multilateralismo. Concordaram em intensificar o compartilhamento de informações e experiências, promover a colaboração na pesquisa de drogas e vacinas. Na ocasião, chegaram ao entendimento que o Novo Banco de Desenvolvimento do Brics (NBD ou Banco Brics), primeira instituição multilateral não regional pós-Bretton Woods, iria estabelecer um fundo de US\$ 15 bilhões para financiar a recuperação econômica dos países do grupo.

Em março, o NDB já havia aprovado um Empréstimo Emergencial de 7 bilhões de yuans para ajudar a China no combate à Covid-19, em especial para ajudar as três províncias mais atingidas, Hubei, Guangdong e Henan. Esses empréstimos podem ser usados para financiar gastos diretos relacionados com a luta contra o coronavírus ou contribuir para a recuperação econômica dos países-membros. Após China, Índia e

África do Sul receberem empréstimos para enfrentar o coronavírus, foi a vez de o **Brasil obter um empréstimo de US\$ 1 bilhão** (Banco..., 2020), o que fez o apoio financeiro do NDB contra o vírus subir para US\$ 4 bilhões. O banco emitiu títulos de referência Covid (US\$ 1,5 bilhão em três anos no mercado internacional de capitais) e os recursos líquidos provenientes da emissão desses títulos serão utilizados para financiar atividades de desenvolvimento sustentável nos seus países-membros, incluindo empréstimos de assistência emergencial.

Em 7 de maio, os altos funcionários da saúde do Brics fizeram uma reunião virtual. Entre os tópicos centrais da discussão estavam a melhoria de métodos de testagem da nova infecção por coronavírus e a busca de métodos de tratamento de pacientes com diagnóstico confirmado. Houve troca de experiências sobre as medidas adotadas pelos membros do grupo no combate à Covid-19 e acordo sobre compartilhá-las posteriormente com especialistas de outros países; debate sobre a interação entre seus sistemas de saúde; concordância em continuar fornecendo apoio mútuo em atividades para prevenir e tratar o coronavírus, bem como em criar condições favoráveis para o fornecimento de medicamentos e insumos de diagnóstico, preparações imunobiológicas e equipamentos médicos.

Para estimular a cooperação multilateral e colocar em prática os compromissos discutidos durante a pandemia, decidiram abrir uma chamada para selecionar projetos conjuntos de pesquisa científica, tecnológica e de inovação na temática da Covid-19 que envolvessem pelo menos três dos cinco países do bloco, em cinco linhas de pesquisa: P&D de novas tecnologias para diagnósticos da Covid-19; P&D de vacinas e medicamentos para Covid-19 (incluindo o reposicionamento dos existentes); sequenciamento genético do novo coronavírus e estudos sobre epidemiologia e modelagem matemática; inteligência artificial e computação de alto desempenho orientadas para a pesquisa de novos medicamentos, o desenvolvimento de vacinas, tratamentos, testes clínicos e sistemas e infraestruturas de saúde relacionados à Covid-19; e estudos epidemiológicos e testes clínicos para avaliar a sobreposição de Sars-CoV-2 e outras comorbidades, em especial a tuberculose.

A cúpula do Brics deste ano está prevista para começar em 13 de novembro, em São Petersburgo, na Rússia, depois que o Covid-19 levou Moscou a desistir de realizá-la em julho, como planejado originalmente.

Todas essas mobilizações podem ser interpretadas como indicações de que os integrantes do Brics pretendem combater o coronavírus com a ajuda do grupo. A demora do grupo em operacionalizar algumas decisões acordadas em suas declarações pode ser

mais bem entendida quando se analisam o contexto político nos quais esses países estão inseridos, os motivos que levaram à crise do multilateralismo e quais são os países que representam ameaças externas aos interesses americanos.

RÚSSIA E CHINA COMO AS PRINCIPAIS AMEAÇAS AOS INTERESSES DOS EUA: EXISTE CLIMA PARA O BRICS?

No fim de abril de 2020, os chanceleres do Brics apoiaram a salvaguarda do multilateralismo. Entretanto, cabe levantar algumas questões que, ao contrário da declaração dos chanceleres, põem em xeque o próprio multilateralismo. Dois processos estavam em curso antes e durante a pandemia, e se cruzam: a tensão bilateral EUA-China e o fato de as instituições multilaterais estarem sob estresse. A Covid-19 apenas contribuiu para exacerbá-los.

A explicação subjacente ao comportamento norte-americano de culpar a China pela disseminação da epidemia e os motivos pelos quais os EUA deixaram de apoiar o multilateralismo podem ser mais bem entendidos mediante a análise da Estratégia de Segurança Nacional dos EUA de 2017. No documento, “a promoção da prosperidade econômica e a liderança tecnológica americana” e “o avanço da influência global dos EUA” são estabelecidos como interesses e objetivos estratégicos dos EUA, e a Rússia e a China são identificadas como as principais “ameaças externas” aos interesses nacionais do país, por quererem “alterar a hierarquia do poder mundial, deslocando ou reduzindo a influência global dos EUA”.

No período de 75 anos desde a implantação de um sistema multilateral, os EUA alcançaram uma centralidade mundial e um nível de poder global sem precedentes na história da humanidade, influenciando regras de convivência internacional. Ao mesmo tempo, essa mesma expansão do poder americano contribuiu decisivamente para o “ressurgimento” da Rússia (como potência militar), para o salto econômico da China e para a ascensão de várias outras potências regionais, que passaram a se utilizar das regras do sistema interestatal e de suas mesmas normas, regimes e instituições para contestar o novo mundo liberal e unipolar americano. China, Rússia e vários outros países que se utilizam hoje da “diplomacia de Westfália” e da “geopolítica das nações” (inventada pelos europeus) vêm questionando a própria hierarquia desse sistema liderado pelos EUA.

Além de considerar as potências regionais do Brics (China e Rússia) como ameaças externas, os EUA também passaram a combater o multilateralismo, afastando-se da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e

do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas, e vêm ameaçando deixar organizações internacionais como Organização Mundial do Comércio (OMC) e a OMS em razão de opção pelo exercício unilateral de seu poder, por meio da força e da promoção ativa da divisão e da dispersão de seus concorrentes, assim como do boicote a todo tipo de bloco político e econômico regional, seja a União Europeia (UE), a União de Nações Sul-Americanas (Unasul) ou o próprio Brics. A reação norte-americana de afastamento e ataques aos organismos multilaterais está ocorrendo porque outras potências estão questionando esse arranjo a fim de consolidar suas posições e obter benefícios resultantes. Para **Fiori**, como no mito da Torre de Babel, os EUA atacam países, organismos e blocos para evitar que as potências questionadoras cheguem ao céu (Gabinete PR4, 2020).

Portanto, em um momento em que as organizações internacionais como as Nações Unidas, sua agência especializada de saúde, a OMS, a UE e o Grupo dos Vinte (G20) foram criticados por não conseguirem responder coletivamente à pandemia, os chanceleres do Brics enfatizaram a importância de salvaguardar o multilateralismo.

A IMPORTÂNCIA DO MULTILATERALISMO PARA O BRICS E O PAPEL DA OMS

Entre os objetivos do Brics estão o fortalecimento das instituições de Bretton Woods, evidenciado na declaração da Cúpula de Brasília em 2019, e o aumento do poder regional de cada um. De fato, os Estados não hegemônicos contam com instituições multilaterais para atingir seus objetivos, e os países do grupo, por si sós, não conseguem empreender esforços para lidar com crises de larga escala. Uma paralisia no nível de outras instituições multilaterais afetaria negativamente a formação de agendas no Brics.

Durante a pandemia, os países do Brics e a OMS têm trabalhado em sinergia para enfrentar as deficiências de seus sistemas de saúde e as sérias consequências sociais e econômicas de uma inevitável depressão econômica global. O papel de liderança da OMS contribuiu para colocar a narrativa científico-humanitária sobre o novo coronavírus em um lugar inédito, tanto para a definição de políticas de saúde quanto para as expectativas mundiais em relação aos processos de contágio, à vigilância de processos epidêmicos, ao escopo de sua propagação e a opções de contenção. Sob o manto da Iniciativa Rota da Seda Saudável e para apoiar o multilateralismo, a China forneceu, além de US\$ 50 milhões à OMS, mais US\$ 2 bilhões, durante a abertura da 73ª Assembleia Mundial de Saúde, e a Rússia se comprometeu a doar US\$ 1 milhão.

COOPERAÇÃO ENTRE OS PAÍSES DO BRICS: RESPOSTAS BILATERAIS E RUÍDOS

Nesta seção, serão analisadas as relações bilaterais com a China, o membro mais poderoso do Brics. Em meio à cooperação entre os pares do Brics, a engrenagem mais suave parece ser a que articula China e Rússia. Em uma conferência de imprensa após a reunião dos chanceleres do Brics, o chanceler russo, Sergei Lavrov, declarou: “Quando falamos de cooperação com a China, citamos fatos. Estes incluem entrega de suprimentos humanitários, kits de medicamentos e testes, envio de médicos especialistas, consultas mútuas e outros”. Governos, instituições de pesquisa e empresas da China e da Rússia estão envolvidos na cooperação antiepidêmica e veem a saúde pública e a biotecnologia como pontos-chave na colaboração bilateral em CT&I. Em junho do ano passado, os presidentes Putin e Xi Jinping haviam designado os **anos de 2020-2021 como o de cooperação em C,T&I russo-chinesa** (Russian-Chinese..., 2020) quando enfatizaram que as relações entre os dois países haviam evoluído para uma ampla parceria estratégica de coordenação para uma nova era. Nesse novo ambiente, os dois países estão promovendo pesquisas científicas conjuntas, realizando estudos sobre a origem do vírus, suas fontes e sua estratégia de mutação. Em maio de 2020, havia mais de dez projetos de cooperação científica e técnica entre os dois países, incluindo o desenvolvimento de dispositivos de proteção médica, a melhoria da eficácia de testes de diagnóstico, medicamentos e pesquisas na área de vacinas. O Centro Estadual de Pesquisa em Virologia e Biotecnologia da Rússia (Vector) e os centros de Biotecnologia do Ministério da Ciência e Tecnologia da China, por exemplo, estavam trabalhando em testes de diagnósticos e desenvolvimento de vacinas.

Mas, mesmo nessa estreita relação, houve atrito durante a pandemia. A Rússia foi um dos primeiros países a fechar suas fronteiras com a China e os condutores de transportes públicos na Rússia foram instruídos a monitorar passageiros chineses e acionar a polícia no caso de identificarem “pessoas de nacionalidade chinesa” em seus veículos. Apesar dessas tensões, os interesses comuns da China e da Rússia superaram suas diferenças. As relações pessoais entre os presidentes Xi Jinping e Putin parecem não ter sido afetadas e o contato oficial e diplomático funciona sem problemas, tanto é que a China retribuiu enviando suprimentos de proteção para a Rússia. Pode-se prever que os laços bilaterais se desenvolverão em uma direção favorável.

Se os ruídos gerados pela Rússia não afetaram as relações diplomáticas com a China, o mesmo não aconteceu com o Brasil. O primeiro episódio ocorreu quando o Brasil responsabilizou o governo chinês pela pandemia do novo coronavírus; o segundo ocorreu com o ex-ministro da Educação, que insinuou que **o país asiático sairia fortalecido da crise mundial causada pela Covid-19** (Weintraub..., 2020). Em resposta, a Embaixada

da China afirmou que as declarações eram **influências negativas ao desenvolvimento saudável das relações bilaterais China-Brasil** (China..., 2020). Em ataque recente, o chanceler brasileiro publicou um texto em que alertava que um plano comunista estaria sendo desenhado para usar a pandemia com o intuito de fortalecer as entidades internacionais, entre as quais a OMS, e por meio delas influenciar o mundo. As autoridades de saúde brasileiras já estavam lutando para obter suprimentos para enfrentar a epidemia antes da intervenção desastrosa do ex-ministro da Educação, e o imbróglio só agravou o quadro. A China é a maior produtora de máscaras e equipamentos de saúde, e a pandemia ocasionou aumento na demanda mundial por esses suprimentos. Apesar de equipamentos chineses estarem sendo esperados no Brasil, contratos de compra não são garantia de recebimento. O chefe da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-China, Charles Andrew Tang, se disse preocupado com a sucessão de atritos na relação entre os dois países e afirmou que o Brasil depende de uma **boa relação com os chineses** (China ameaça..., 2020) para combater o coronavírus. As autoridades chinesas disseram que um dos **critérios para fornecer assistência** (Tan, 2020) é o modo como os possíveis beneficiários trataram a China no passado. Prova disso é que a província de Sichuan **doou material médico endereçado para Pernambuco**, estado com que mantém relações de irmandade há 28 anos (Província..., 2020).

Em maio, o presidente chinês Xi Jinping manteve conversas telefônicas com o presidente sul-africano Cyril Ramaphosa. Em declarações a Ramaphosa, **Xi disse que a China e a África do Sul são “bons irmãos” e o país continuaria apoiando a África do Sul contra a pandemia e prestaria assistência dentro de sua capacidade** (President..., 2020). Expressando gratidão pela ajuda da China no combate à doença, Ramaphosa retribuiu dizendo que a China é um “verdadeiro amigo” e “parceiro confiável” da África do Sul e dos países africanos. O governo chinês prometeu que “uma vez concluído o desenvolvimento e implantação da vacina Covid-19 na China, os países africanos seriam os primeiros a se beneficiar”.

Talvez o conjunto mais crítico de diferenças esteja na díade China-Índia. Reações da Índia indicam agora como a pandemia afetou esse relacionamento já difícil, à parte o conflito sino-indiano. Primeiro, para combater possíveis **aquisições oportunistas de empresas indianas** (Natarajan, 2020), a Índia alterou as regras para proibir que empresas chinesas assumissem o controle de empresas quebradas devido às perdas causadas pela pandemia. Segundo, a Índia **cancelou a importação de testes de diagnóstico chineses para o coronavírus, alegando que não eram confiáveis por terem baixa taxa de precisão** (Índia..., 2020). O porta-voz chinês descreveu o comportamento da Índia como “injusto e irresponsável”. Recentemente, os dois países entraram em choque na chamada Linha de Controle Real (LAC, na sigla em inglês), na fronteira que separa esses dois países no

vale de Galwan, em Ladakh, onde compartilham mais de 3.440 km e ao longo da qual tem havido reivindicações territoriais. A Rússia foi acionada para apaziguar os ânimos.

Se o equilíbrio entre Índia e EUA e os vínculos Rússia-China e Rússia-Índia permanecerem mas a rivalidade EUA-China se intensificar; se o conflito da China e Índia escalar na disputa para ver quem abocanha o território no alto do Himalaia; se os laços Brasil-EUA e as tensões Rússia-EUA se intensificarem, com certeza se ampliarão as perspectivas de uma fratura interna no Brics.

Os integrantes do Brics são membros de várias associações regionais. Diante dos conflitos externos e internos e do enfraquecimento das instituições multilaterais, em especial do sistema das Nações Unidas, num momento em que cada país está lutando para conter a epidemia, a cooperação bilateral e de curto prazo regional mostra a liderança dos países Brics nas respectivas regiões e pode trazer benefícios de longo prazo para os países do grupo.

RESPOSTAS EXTRA-BRICS

Cada país do Brics tem interesse em se projetar regionalmente, seja por meio de cooperação bilateral regional ou via blocos regionais. As crises fornecem oportunidade para esses países se lançarem e reiteram as razões pelas quais certas estruturas foram criadas. A liderança regional de cada país do Brics ajuda a discernir as potencialidades de cada um no grupamento.

Por intermédio da Opas, o Brasil **respondeu de forma regionalizada** (Dominguez, 2020), capacitando em fevereiro, na Fiocruz, especialistas da Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Panamá, Paraguai, Peru e Uruguai em vigilância laboratorial, **fornecendo o protocolo para o diagnóstico da Covid-19, recomendações sobre biossegurança e transporte de amostras** (Diagnóstico..., 2020). Quando estabeleceu um acordo com a Universidade de Oxford para receber a vacina, o Brasil tinha **intenções de negociar o abastecimento para toda a América Latina** (Jansen, 2020).

A Rússia forneceu **1 milhão de kits de testes Covid-19 aos países da Comunidade de Estados Independentes** (CEI) (Russia to..., 2020).

No âmbito bilateral, a Índia enviou médicos para o Kuwait e para as Maldivas, equipamentos médicos para Bangladesh e alimentos para o Afeganistão. Como a maior fornecedora de medicamentos genéricos do mundo, o país está recorrendo à sua indústria farmacêutica proeminente e **fornecendo medicamentos** (Solanki, 2020) para **85** países. Com relação aos países vizinhos do sul da Ásia, a Índia disponibilizou sua capacidade e experiência em medicina e saúde pública para toda a região. Por sua iniciativa, os líderes

dos países da Associação Sul-Asiática para a Cooperação Regional (Saarc) realizaram uma videoconferência em 15 de março para coordenar uma abordagem em relação à Covid-19. Vários projetos foram lançados, incluindo um Fundo de Emergência Covid-19, para o qual a Índia contribuiu com US\$ 10 milhões e o conjunto dos demais países do grupo, com quase US\$ 9 milhões. Em 26 de março foi realizada uma videoconferência de profissionais da saúde representando os países da Saarc, ocasião em que foi criado um grupo para médicos dos países participantes, sobre gestão de pacientes, testes e vigilância de doenças. A Índia desenvolveu ainda a plataforma digital COARX da Saarc Covid-19 para facilitar o intercâmbio de informações e ferramentas especializadas sobre a doença entre os profissionais da saúde designados na região, além de recursos de treinamento *on-line* e módulos de *e-learning*, cobrindo diversos tópicos relacionados ao tratamento da pandemia do novo coronavírus.

Um mês após o surto ter sido registrado em Wuhan, a China lançou ações bilaterais de cooperação internacional, motivadas pela necessidade de reverter a crescente desconfiança dos países vizinhos, que o identificaram como um país “irresponsável” devido à demora em anunciar o vírus. A chamada “diplomacia das máscaras” – que faz parte da Rota da Seda Saudável (HSR), braço da Iniciativa Cinturão e Rota – teve seu batismo com o envio de máscaras e *kits* de diagnóstico para a Coreia do Sul e o Irã, inicialmente os países mais afetados. A China também enviou equipes de especialistas em saúde para o Iraque e o Irã. Procurou reativar em abril o acordo ampliado da Associação dos Estados-Membros do Sudeste Asiático (Asean+3, com China, Japão e Coreia do Sul), que mais tarde enfrentou esforços de obstrução dos EUA.

* * *

Durante a pandemia, os Brics empreenderam mais cooperações bilaterais e regionais do que multilaterais.

A pandemia pode acelerar a criação de um Centro de Pesquisa e Desenvolvimento de Vacinas Brics, que conta com o forte apoio da Índia, Rússia e África do Sul e contaria com o suporte do NBD. Muitos países do grupo têm competências tecnológicas, e a colaboração em pesquisa poderia ajudar a catalisar o processo. A China está na vanguarda da pesquisa de vacinas contra a Covid-19. Sua experiência mostra a importância de investir em sistemas nacionais de saúde e pesquisa para aumentar a capacidade laboratorial e a força de trabalho, fundamentais para uma resposta nacional rápida e eficaz às emergências de saúde. A demora em obter consenso sobre a implementação desse centro de vacinas pode ser devida ao impacto que a pandemia teve nas economias

desses países,¹ à Guerra Fria vivenciada pela China ou ao fato de a China já ter vacinas em estágios avançados.

Enquanto o referido centro não é operacionalizado, os países do Brics poderiam estabelecer uma aliança inclusiva de vacinas, por meio da qual negociariam em conjunto a compra de grandes quantidades de imunizante para a Covid-19 com os desenvolvedores e produtores a fim de obterem melhores preços e torná-las acessíveis.

O país do grupo que mais aderiu às recomendações da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) para a saída da pandemia e apresentou melhor desempenho até agora foi a China. Para o Brasil e a Rússia, a pandemia serviu de alerta sobre a necessidade de que haja melhor interface de cooperação entre ciência, política e sociedade. A prestação de proteção social e serviços essenciais a todos, especialmente aos pobres e vulneráveis, deveria estar no cerne da relação de governança Estado-pessoas. Governos – como o do Brasil (atraso e desvios do pagamento emergencial), da Índia (ajuda insuficiente) e da África do Sul – deveriam se esforçar em manter o país unificado, investir nos sistemas de saúde e implementar políticas de proteção para evitar crises alimentares e desintegração social.

Para países como o Brasil, que está tentando garantir seus próprios acordos com fabricantes de vacinas, o mecanismo da Aliança Global para Vacinas e Imunização (Gavi Alliance) representa, com seu portfólio de candidatas a vacinas, um meio de reduzir os riscos associados a candidatas individuais que não demonstrem eficácia ou obtenham licença. **Com mais essa opção** (Moreira, 2020), o país terá que desembolsar cerca de US\$ 2 bilhões para adquirir vacinas para imunizar pelo menos 20% de sua população (duas doses) por meio do mecanismo Covid-19 Global Access Facility (Covax Facility),² destinado aos países de rendas média e alta. **A China anunciou que iria aderir à Covax**; espera-se que honre seu compromisso de transformar as vacinas

¹ Segundo projeções do FMI, as expectativas de declínio no PIB em 2020 são de 5,3% no Brasil, 5,5% na Rússia e 5,8% na África do Sul. China e Índia parecem ser os países menos afetados, com variação percentual anual positiva de, respectivamente, 1,2 e 1,9%.

² Pool financeiro que ajuda empresas a desenvolver vacinas mais rapidamente e garantir acesso justo e equitativo a todos os países do mundo. É coliderada pela Gavi, pela Coalizão de Inovações em Preparação para Epidemias (Cepi) e pela OMS, trabalhando em parceria com fabricantes de vacinas de países desenvolvidos e em desenvolvimento. Os 75 países que financiariam as vacinas com seus próprios orçamentos firmam parceria com até noventa países de baixa renda que poderiam ser apoiados por meio de doações voluntárias ao Compromisso Antecipado de Mercado (AMC) da Gavi. Juntos, esse grupo de cerca de 165 países representa mais de 60% da população mundial. O primeiro AMC firmado foi um acordo de US\$ 750 milhões entre a Gavi e a farmacêutica britânica AstraZeneca para fabricar 300 milhões de doses da vacina que está sendo desenvolvida em parceria com a Universidade de Oxford.

Covid-19 em um bem público global (China..., 2020). O compartilhamento de vacinas será um teste de cooperação multilateral na área internacional.

O acesso a tecnologias pode se dar de modo voluntário ou compulsório, caso haja proteção patentária. Nem sempre é possível chegar a um acordo voluntário, e no caso de vacinas a Licença Compulsória (LC) não faz muito sentido, uma vez que são muito mais complicadas de produzir do que medicamentos de pequenas moléculas. Portanto, não é realista pensar que alguns países irão produzir suas próprias versões de vacinas. Para contornar as patentes e propriedade intelectual e garantir o acesso equitativo e preços acessíveis, é preciso participar de iniciativas multilaterais.

Os ministérios de Ciência e Tecnologia dos países que compõem o Brics devem continuar apoiando projetos conjuntos realizados por pesquisadores e instituições de pelo menos três destes países.

REFERÊNCIAS

370 PESQUISAS científicas para tratar e combater a Covid-19 estão em andamento no Brasil. *Pfarma.com.br*, 2 jun. 2020. Disponível em: <<https://pfarma.com.br/coronavirus/5695-pesquisas-cientificas-covid19.html>>. Acesso em: 18 set. 2020.

BANCO do Brics aprova empréstimo de US\$ 1 bilhão ao Brasil. *Valor Econômico*, Rio de Janeiro, 20 jul. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/07/20/banco-do-brics-aprova-emprestimo-de-us-1-bilhao-ao-brasil.ghtml>>. Acesso em: 18 set. 2020.

BELT AND ROAD INITIATIVE (BRI). *Site*. Disponível em: <<https://www.beltroad-initiative.com/belt-and-road>>. Acesso em: 18 set. 2020.

BRAGA, M. Veja como está a participação do Brasil na corrida pela vacina contra a Covid-19. *Portal G1*, Rio de Janeiro, 20 jun. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/20/veja-como-esta-a-participacao-do-brasil-na-corrida-pela-vacina-contr-a-covid-19.ghtml>>. Acesso em: 18 set. 2020.

CHINA officially joins Covax: spokesperson. *Xinhuanet*, 9 set. 2020.

CHINA AMEAÇA corte no comércio se bolsonaristas insistirem em hostilidades. *Uol*, São Paulo, 06 abr. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/06/china-ameaca-corte-no-comercio-se-bolsonaristas-insistirem-em-hostilidades.htm>>. Acesso em: 18 set. 2020.

CHINA chama comentário de Weintraub de “fortemente racista” e aponta “influência negativa” em relação com Brasil. *O Globo*, Rio de Janeiro, 6 abr. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/china-chama-comentario-de-weintraub-de-fortemente-racista-aponta-influencia-negativa-em-relacao-com-brasil-1-24353469>>. Acesso em: 18 set. 2020.

CORONAVIRUS vaccine update: Russia's Sechenov University claims to be the first to complete human trials; here's what we know so far. *Times of India*, Mumbai, 13 Jul. 2020. Disponível em: <<https://timesofindia.indiatimes.com/life-style/health-fitness/health-news/coronavirus-vaccine-update-russias-sechenov-university-claims-to-be-the-first-to-complete-human-trials-heres-what-we-know-so-far/photostory/76935427.cms>>. Acesso em: 18 set. 2020.

CORUM, J.; WEE, S-L. & ZIMMER, C. Coronavirus Vaccine Tracker. *The New York Times*, New York, 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2020/science/coronavirus-vaccine-tracker.html>>. Acesso em: 18 set. 2020.

DIAGNÓSTICO em rede. *Radis*, 21, Rio de Janeiro, mar. 2020, p. 21. Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/phocadownload/revista/Radis210_web.pdf>.

DOMINGUEZ, B. Global: novo coronavírus é a sexta emergência em saúde pública de importância internacional declarada pela OMS. *Radis*, 21, Rio de Janeiro, mar. 2020, p. 14-20. Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/phocadownload/revista/Radis210_web.pdf>. Acesso em: 18 set. 2020.

FOY, H. & BURN-MURDOCH, J. Russia's Covid death toll could be 70 per cent higher than official figure. *Financial Times*, Moscow, London, 11 May 2020. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/77cd2cba-b0e2-4022-a265-e0a9a7930bda>>. Acesso em: 18 set. 2020.

GABINETE PR4. Ciclo de debates | Política e Covid-19, 1 jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sybi1A2R_qM>. Acesso em: 18 set. 2020.

GALEOTTI, M. Russia is weathering Covid-19, no thanks to Putin. *World Politics Review*, 10 June 2020. Disponível em: <<https://www.worldpoliticsreview.com/articles/28826/russia-s-putin-is-failing-to-deal-with-covid-19-and-russians-know-it>>. Acesso em: 18 set. 2020.

HERD, G. P. Covid-19, Russian responses, and President Putin's operational code. *George C. Marshall European Center for Security Studies*, n. 50, Apr. 2020. Disponível em: <<https://www.marshallcenter.org/en/publications/security-insights/covid-19-russian-responses-and-president-putins-operational-code>>. Acesso em: 18 set. 2020.

ÍNDIA cancela pedidos de testes para coronavírus da China por “problemas de performance”. *Valor Econômico*, Rio de Janeiro, 27 abr. 2020. Disponível em: <<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2020/04/27/india-cancela-pedidos-de-testes-para-coronavirus-da-china-por-problemas-de-performance.ghtml>>. Acesso em: 18 set. 2020.

INSTITUTO VITAL BRAZIL (IVB). Instituto Vital Brazil anuncia patente de soro contra a Covid-19. Disponível em: <<http://www.vitalbrazil.rj.gov.br/noticias/Instituto-Vital-Brazil-anuncia-patente-de-soro-contr-a-Covid-19.html>>. Acesso em: 18 set. 2020.

JANSEN, R. Brasil negocia possibilidade de fazer vacina contra o coronavírus. *Estadão*, São Paulo, 5 jun. 2020. Disponível em: <<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-negocia-possibilidade-de-fazer-vacina-contr-o-coronavirus,70003325364>>. Acesso em: 18 set. 2020.

KUMAR, S. Scientists scoff at Indian agency's plan to have Covid-19 vaccine ready for use next month. *Science*, Washington, 6. Jul. 2020. Disponível em: <<https://www.sciencemag.org/news/2020/07/scientists-scoff-indian-agencys-plan-have-covid-19-vaccine-ready-use-next-month>>. Acesso em: 18 set. 2020.

MOREIRA, A. Brasil precisará pagar US\$ 2 bi para comprar vacinas contra Covid-19 e imunizar 20% da população. *Valor Econômico*, Rio de Janeiro, 15 jul. 2020. Disponível em: <<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/07/15/brasil-precisara-pagar-us-2-bi-para-comprar-vacinas-contr-covid-19-e-imunizar-20percent-da-populacao.ghtml>>. Acesso em: 18 set. 2020.

NATARAJAN, S. China e Índia: o que há por trás da escalada de tensão que deixou 20 soldados mortos em choque na fronteira. *BBC News Brasil*, 16 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53073587>>. Acesso em: 18 set. 2020.

NEW DEVELOPMENT BANK. *Site*. Disponível em: <<https://www.ndb.int/>>. Acesso em: 18 set. 2020.

PRESIDENT Xi says China will continue to support South Africa, Hungary over Covid-19. *CGTN*, 15 May 2020. Disponível em: <<https://news.cgtn.com/news/2020-05-15/Xi-<Jinping-says-China-supports-South-Africa-Hungary-over-Covid-19-QwjlfCbKsQ/index.html>>. Acesso em: 18 set. 2020.

PROVÍNCIA chinesa de Sichuan doa materiais médicos para Pernambuco. *Xinhua Português*, 9 maio 2020. Disponível em: <http://portuguese.xinhuanet.com/2020-05/09/c_139042743.htm>. Acesso em: 18 set. 2020.

ROTH, A. Russia defends its “exceptionally precise” Covid-19 death data. *The Guardian*, Moscow, 14 May. 2020. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2020/may/14/coronavirus-russia-defends-its-exceptionally-precise-covid-19-death-data>>. Acesso em: 18 set. 2020.

RUSSIA registers new drug to contain complications caused by Covid-19. *CGTN*, 8 Jun. 2020. Disponível em: <<https://news.cgtn.com/news/2020-06-08/Russia-registers-new-drug-to-contain-complications-caused-by-Covid-19-R9vpZzmRs4/index.html>>. Acesso em: 18 set. 2020.

RUSSIA to supply 1 mln Covid-19 test kits to foreign partners: PM. *Xinhua Net*, 29 May 2020. Disponível em: <http://www.xinhuanet.com/english/2020-05/29/c_139099191.htm>. Acesso em: 18 set. 2020.

RUSSIAN FEDERATION. Russian Brics Chairmanship Statement on the novel coronavirus pneumonia epidemic outbreak in China, issued on February 11, 2020 at the 1st Meeting of Brics Sherpas/Sous-Sherpas in St. Petersburg, 11 Feb. 2020. Disponível em: <https://www.mid.ru/en/foreign_policy/news/-/asset_publisher/cKNonkJE02Bw/content/id/4035151>. Acesso em: 18 set. 2020.

RUSSIAN PRESIDENTIAL ACADEMY OF NATIONAL ECONOMY AND PUBLIC ADMINISTRATION (RANEP). Brics. Russian presidency 2020. Disponível em: <<https://www.ranepa.ru/eng/ciir-ranepa/brics-russian-presidency-2020/>>. Acesso em: 18 set. 2020.

RUSSIAN-CHINESE fight against Covid-19 to encourage bilateral cooperation – Xi Jinping. *Tass, Russia News Agency*, Beijing, 26 ago. 2020. Disponível em: <<https://tass.com/world/193957>>. Acesso em: 18 set. 2020.

SHARMA, K. India opts for own Covid-19 tests kits, rejecting those from China. *Nikkei Asia*, 1 May 2020. Disponível em: <<https://asia.nikkei.com/Politics/India-opts-for-own-Covid-19-tests-kits-rejecting-those-from-China>>. Acesso em: 18 set. 2020.

SOLANKI, V. Why India’s response to Covid-19 matters to us all. *International Institute for Strategic Studies (IISS)*, 29 Apr. 2020. Disponível em: <<https://www.iiss.org/blogs/analysis/2020/04/sasia-why-indias-response-to-Covid-19-matters-to-us-all>>. Acesso em: 18 set. 2020.

TAN, H. As China’s cases dwindle, Beijing strives to take the lead in the coronavirus crisis. *CNBC*, New Jersey, 3 Apr. 2020. Disponível em: <<https://www.cnbc.com/2020/04/03/china-pursues-global-leadership-ambitions-in-coronavirus-response.html>>. Acesso em: 18 set. 2020.

VERIFICAÇÃO da realidade das alegações dos EUA contra a China em relação à Covid-19. *Xinhua Português*, 10 maio 2020. Disponível em: <http://portuguese.xinhuanet.com/2020-05/10/c_139045375.htm>. Acesso em: 18 set. 2020.

WEINTRAUB usa Cebolinha da Turma da Mônica para fazer chacota de chineses. *Portal Uol*, São Paulo, 4. abr. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/04/weintraub-usa-cebolinha-da-turma-da-monica-para-fazer-chacota-de-chineses.shtml>>. Acesso em: 18 set. 2020.

WORLDOMETERS.COM. *Site*. Disponível em: <<http://www.worldometers.com/>>. Acesso em: 18 set. 2020.